

Criminosos destroem o futuro

Santa Catarina perdeu 9,21% de sua floresta nativa em período de dez anos. Isso equivale a 167.851 hectares destruídos. A vegetação de restinga diminuiu em 12,11% no mesmo período. A perda total de vegetação, incluindo restinga, mangue e florestas, chegou a 9,3% entre 1985 e 1995.

Os dados constam do atlas da evolução dos remanescentes e ecossistemas associados no domínio da mata atlântica. Os números estarrecedores são do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), da Fundação SOS Mata Atlântica e do Instituto Socioambiental.

As revelações, se não surpreendem, preocupam. O mesmo estudo mostra que os municípios de Abelardo Luz, no Oeste, e Joinville, no norte do Estado, lideram a devastação. Os motivos diferem. No Oeste, a causa apontada é a implantação de assentamentos de sem-terra. Em Joinville, a especulação imobiliária dirige a ação criminosa nas áreas de restinga. É esse triste quadro que A Notícia publica para alertar a sociedade.

Curiosamente, ecologia, defesa do meio-ambiente são termos que ganharam importância justamente nos últi-

mos dez anos. São expressões que vieram para ficar - hoje, fazem parte de nosso linguajar cotidiano. Os governos (municipal, estadual e federal) criaram até mesmo fundações, secretarias e ministério para tratarem do assunto.

A moda do ecologicamente correto fez nascer até um partido político, o Partido Verde, que sistematicamente vem sendo ridicularizado. Não deveria. Sua mensagem certamente ainda não vingou, nem atingiu os milhões de eleitores, a maioria distante de questões ambientais e mais ligada a prosaicos aspectos do dia-a-dia da sobrevivência pessoal.

O que o levantamento apresentado nas páginas do jornal nos mostra é, no mínimo, intrigante. De um lado, gente querendo ocupar espaços para construir barracos em terras quase sempre de terceiros. Na maioria, miseráveis, à procura de dias melhores. Procuram o futuro, destruindo o verde no presente. Assim, a esperança se esvai, embora não se dêem conta disso.

De outro, a ganância conhecida. Áreas enormes, derrubadas para a edificação de prédios. É a vitória do dinheiro sobre o bom senso; da conveniência imediatista

sobre a consciência de preservação da natureza. Fica claro que inexistente cuidado para se evitar tamanhas tragédias ambientais. Porque é disso que se trata. E essa é a palavra exata para qualificar o fato: tragédia.

Há dezenas de órgãos ambientais cadastrados, criaram-se entidades não-governamentais oficialmente fundadas para educar a comunidade sobre os erros cometidos em relação à destruição das florestas e de regiões consideradas de preservação permanente.

O que fazem esses organismos? E os órgãos governamentais, de todas as instâncias, o que têm a dizer?

Explicações para o comportamento destrutivo virão em enxurrada. Difícil será acreditar nelas. E, muito menos, podemos aceitar passivamente que nos sejam roubadas as perspectivas de vida digna para nossos filhos e nossos netos.

Se a omissão coletiva persistir, o agravamento da situação será fatal. Nesse caso, cruzar os braços pode representar piora da qualidade de vida já em nossa geração. Não dá pra aceitar sem nos indignarmos.

A Notícia
23/5/98
A-2